



O Olho Técnico: Uma Leitura da Obra dos Artistas João Maria Gusmão e Pedro Paiva à Luz de Walter Benjamin¹

Ana Maria SCHULTZE²

Prefeitura do Município de São Paulo; Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, SP

Resumo

O texto é uma pretensa análise da obra dos artistas portugueses João Maria Gusmão e Pedro Paiva, que trabalham com fotografia, cinema e instalações, buscando convergências entre sua poética e o conceito de inconsciente óptico de Walter Benjamin. Através dos referenciais teóricos que fundamentam a expressão plástica dos artistas, demonstraremos que a idéia da visibilidade através de um olho técnico ou uma poética artística de fenômenos inconscientes ou imperceptíveis é recorrente também em outros pensadores.

Palavras-chave

Inconsciente coletivo; Walter Benjamin; João Maria Gusmão e Pedro Paiva; fotografia e cinema; Bienal de São Paulo

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava
entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando um bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
[...]

O fotógrafo. Manoel de Barros, 2000

Que instância é esta que permite ao poeta/fotógrafo fotografar o silêncio? E o perfume? O invisível e o indiscernível?

¹ Trabalho apresentado no NP Fotografia: Comunicação e Cultura do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora de Artes da rede municipal de São Paulo. Especialista em Comunicação e Artes pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP/SP. Doutoranda em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp/SP. Pesquisadora sobre mediação cultural, fotografia e educação, é vinculada ao Núcleo de Pesquisa Fotografia: Comunicação e Cultura da Intercom. anita@arte-educar.art.br



Tendo como assunto da pesquisa de doutorado a fotografia na Bienal de São Paulo, é intenção analisar neste pequeno texto a obra de dois artistas portugueses, João Maria Gusmão e Pedro Paiva que debatem a questão da materialização do indiscernível, através de fotografias e filmes. Os artistas fizeram parte da 27ª edição da mostra em 2007.

Buscarei traçar paralelos entre suas idéias e o conceito de inconsciente óptico de Walter Benjamin. Não é intenção desenvolver um mecanismo de análise teórico-prático para a obra de Gusmão e Paiva a partir do conceito de Benjamin, como faz, por exemplo, Silveira (2006)³ com o cenário urbano de Porto Alegre e suas inscrições públicas através de uma série de imagens fotográficas. Não se trata de uma crítica à proposição deste autor, mas a um certo receio de encaixar a obra dos artistas e sua ampla conceituação teórica em um modelo que lhes poderia ser redutor já que, para eles, prevalece uma noção de um vivido (de forma inconsciente) e o que é mostrado ao olhar (tornado consciente através da obra de arte ou do olho técnico), tal qual para Benjamin, porém não é a proposição do filósofo alemão que os põe em movimento, pelo menos não de forma intencional, como proponho neste ensaio de análise que se inicia com uma breve síntese da teoria benjaminiana.

Das Diferentes Naturezas

É evidente, pois, que a natureza que se dirige à câmera não é a mesma que a que se dirige ao olhar. A diferença está principalmente no fato de que o espaço em que o homem age conscientemente é substituído por outro em que sua ação é inconsciente. (Benjamin, 1985, p. 189)

O conceito de inconsciente óptico, esboçado inicialmente por Benjamin⁴ em “A pequena história da fotografia” é ampliado posteriormente em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. Trabalharei aqui com a versão deste texto traduzida por Rouanet em 1985, a primeira. Há outras, uma tradução do próprio Rouanet de 1981 e outra incluída por Luis Costa Lima em **Teoria da cultura de massa** em tradução de Carlos Nelson Coutinho (que seriam a segunda versão ou primeira reescritura do texto). Apesar de bastante próximas, as versões diferem-se pela menção a Freud e a uma de

³ Projeto de pesquisa “Porto Alegre em Código. Linguagens vivas da comunicação urbana”, desenvolvido junto ao PPGCCOM – UNISINOS/RS a partir de agosto de 2004.

⁴ Artigo de 1931 (veja Benjamin, 1985, p. 91-107). Outros autores que se debruçam sobre o conceito: Rosalind Krauss com a idéia de inconsciente óptico do texto visual, uma aplicação aos textos visuais (pintura, escultura, fotografia etc.), inspirada em Greimas; os teóricos envolvidos com discussões análogas no Brasil, como Italo Moriconi e Raul Antelo, por exemplo, e o espanhol José Luis Brea com a conceituação de inconsciente óptico e segundo obturador, uma ampliação envolvendo a fotografia digital.



suas obras, *Psicopatologia da vida cotidiana*, nas novas edições. No texto com o qual trabalho Freud não é citado nominalmente.

Em meados da década de 1930, as atenções de Benjamin voltavam-se para dois meios técnicos e os impactos que causavam tanto nos padrões estéticos vigentes quanto na estrutura cognitiva em construção: a fotografia e o cinema. Tais meios permitiriam a elaboração de imagens em instâncias nem sempre perceptíveis ao olho humano, e é este fenômeno que leva o autor a formular o conceito de inconsciente óptico (depois retomado por Rosalind Krauss), comparando-o ao inconsciente pulsional, acessado pela psicanálise freudiana.

Para Benjamin, os aspectos que o equipamento técnico podem registrar ocorrem principalmente fora do espectro de percepção sensível e consciente. Assim, o que o olho (humano) percebe não é da mesma qualidade e natureza que aquilo percebido pelo olhar tecnológico. Ainda na comparação com a psicanálise, para o filósofo “os procedimentos da câmara correspondem aos procedimentos graças aos quais a percepção coletiva do público se associa dos modos de percepção individual do psicótico ou do sonhador” (p. 190). Diferentes naturezas: uma velada, interna, inacessível e indiscernível, que só pode ser evidenciada e manifesta a partir de um meio externo, um agente mediador, que irá apresentá-la como uma *diferente* natureza, em detalhes e vieses imperceptíveis a olho nu.

Tendo tais conceitos em mente, apresento a obra dos artistas João Maria Gusmão e Pedro Paiva, para depois tentar estabelecer conexões conceituais entre sua obra e a teoria de Walter Benjamin.

Por Uma (Não)Materialização do Indiscernível

A obra da dupla de jovens artistas portugueses João Maria Gusmão e Pedro Paiva é ancorada em uma busca sistemática de uma construção filosófica e estética experimental sobre o transitório. Baseada em blocos conceituais que se articulam sob uma terminologia desenvolvida pelos autores, jamais um trabalho surge isolado e sem referências, porque paralela à expressão poética há sempre uma produção verbal que nomeia tais articulações. Seus projetos, normalmente, tem caráter expositivo, teórico, editorial e curatorial desenvolvido pela própria dupla.

Associam-se aos artistas, segundo Checa (sem data), vários conceitos ao longo de suas produções: o nome de um efeito ou de um fenômeno incalculável (Exposições



Deparamnésia (2002) e *Para que haja questão: o (Des)Aparecer* na publicação *Eflúvio Magnético 2*), a ficção de uma lei geral de afetação dos corpos ou de uma lei da singularidade dos acontecimentos (*Exposições Eflúvio Magnético* (2004-2006) e *A Apresentação da Multiplicidade Inconsistente* na publicação *Eflúvio Magnético 1*), ou ainda a idéia de negação de uma finalidade teleológica (*Exposição Fiasco*, João Maria Gusmão (2004) e *Identificando um fundo Patafísico* na publicação *Eflúvio Magnético 1*).

Utilizando-se de meios como o cinema e a fotografia (de médio e grande formato), além de instalações, a obra de Gusmão e Paiva não constrói um corpo de conhecimento do ser em si (em uma verdade definitiva), mas que re-elabora as complexidades que não permitem ao ser o acesso a si próprio. Causando um estranhamento inicial, ao sugerir que cada meio ou imagem se apresenta de forma arbitrária, há, no entanto uma intencionalidade racional neste afastamento, para salvaguardar a autonomia intelectual de cada meio: o cinema não precisa da palavra, porém a palavra é suficiente para se formarem idéias sobre a natureza do primeiro. Ao se afastar do verbo, o cinema fortalece sua autonomia como uma proposição exclusivamente artística.

O projeto mais extenso da dupla, reunido nas duas exposições *O Eflúvio Magnético: o nome do fenômeno* (2004) e *O Eflúvio Magnético, 2ª parte* (2006), apresenta-se na forma de uma pseudo-ciência, como um ensaio acerca da mecânica da realidade.

Suas interrogações bebem na fonte dos pré-socráticos, principalmente com a corrente inaugurada por Heráclito, desenvolvida pelos atomistas e epicuristas e que nas filosofias do século XIX e contemporânea tem despertado grande interesse, com o uso de uma certa metafísica para se aproximar com o máximo de precaução da profundidade do real. Trata-se de perscrutar a realidade pela intensidade das flutuações, pela intersecção da matéria em fluxo perceptivo, de forma que, a partir do devir da heterogeneidade, se possa produzir um certo modelo (CHECA, sem data).

Há aqui uma aparente contradição: se em contínuo movimento, flutuando, seria impossível imobilizar o objeto num arquétipo. Tal fenômeno só é possível pelo fato da ciência estudar a apresentação do fluxo, isto é, por ser ela mesma a apresentação da apresentação do fluxo. De natureza distinta, só assim seria possível a materialização do indiscernível, o que aproxima o conceito dos artistas à proposição de Benjamin.



Convergências Poéticas de Idéias

Tanto para Walter Benjamin quanto para João Maria Gusmão e Pedro Paiva uma questão fundamental é a da *apresentação*. Para Benjamin, quando trata do inconsciente óptico, seu foco é muito mais no aspecto óptico do que no da inconsciência. Já para os artistas, certos fenômenos só podem ser *apresentados* através de uma mediação (pela ciência ou pela arte).

Tomaremos como exemplo a investigação mais recente da dupla na série sobre a abissologia, ou ciência que estuda o abismo (neologismo encontrado no livro de René Daumal **La Grande Beuverie**, romance satírico com contornos metafísicos), que instaura um novo modelo ficcional a partir de temas apenas esboçados na série anterior *Eflúvio Magnético*.

O emprego do termo na prática poética de Gusmão e Paiva é através de uma ficção que se detém na composição literária de uma ciência específica dos corpos pensada em função da condição fenomenológica/ontológica do mínimo visível – o que quase não se vê ou o que quase não tem existência para um observador - seja na visão eclipsada do olho, no instantâneo de uma explosão ou no movimento complexo da água (CHECA, sem data).

Para um abissologista, são as singularidades indiscerníveis o seu mais alto interesse de investigação, seja de que campo forem. Podem ser o movimento invisível dos glaciares, as ações fenomenológicas nos desertos ou o movimento mecânico das partículas atômicas. Para Gusmão e Paiva são a lua e sua sombra, os movimentos das marés (abordados em *Eflúvio Magnético*), a trajetória dos planetas... os artistas escolhem determinados locais que centralizem as condições de produção, para articular discursos ficcionais que permitam materializar os temas prefigurados pela Abissologia.

Via the overlapping of fictional strata, and resulting from the penetration of the literal and the metaphorical, the artists have developed a series of temporal accounts of truth in their oeuvre that constitute processes that deal with and produce anomalous events, unexpected successes and examples of emerging phenomena at the microscopic and macroscopic level – for example, the self-organized system of a tornado, composed by minute air molecules that form an unexpected spiral. (Checa, 2008, p. 24).

(Através de estratos imaginários, resultante da penetração do literal e do metafórico, os artistas desenvolveram uma série de produtos temporais da verdade em sua obra que constituem processos que lidam com e produzem eventos anômalos, sucessos inesperados e exemplos de fenômenos emergentes nos níveis micro e macroscópico – por exemplo, o sistema auto-organizado de um tornado, composto por moléculas de ar de minutos que formam uma espiral inesperada.)

Quando recorrem aos pré-socráticos, Gusmão e Paiva partem principalmente da revolução causada pela idéia de que o cosmo não era mais uma tela fixa, mas que os planetas se movimentavam. Se em fluxo e movimento, planetas e satélites, como a lua, por exemplo, giram e ficam sob (ou ausência de) a luz solar. O que aconteceria, então, quando tais entes se encontrassem em sombra? Deixariam de se constituir como seres completos? Para Gusmão e Paiva, a lua (e qualquer outro ente ou objeto) é composta por sua parte visível e sua parte não-visível (que está sob a sombra). Positivo e negativo. A sombra como inominável do visível, como condição do ver.

Assim, para os artistas há infindáveis fenômenos abissológicos (poderíamos assim dizer) com os quais lidamos diariamente, mas dos quais não nos apercebemos. A poética da dupla seria então a manifestação física, material, de tais eventos indiscerníveis. Na 27ª edição da Bienal de São Paulo sua obra apresentou dois sistemas de câmera escura (pendular e ocular), filmes sobre uma investigação científica da natureza da imagem, que versavam sobre temas da ciência e da arqueologia, além de filmes (em 16 mm) com toques de humor e mistério, em um embate entre homem e natureza em cenários que evocavam o estado filosófico do sublime. Os filmes seriam narrativas baseadas em Bergson e Nietzsche. Materializações de efeitos e fenômenos não-conscientes que nos rodeiam.

Considerações Que Não São Conclusões

Tendo como pretensão analisar a obra de João Maria Gusmão e Pedro Paiva, na busca de convergências entre sua poética e as idéias de Walter Benjamin, neste ensaio verificamos que uma visibilidade de fenômenos inconscientes ou imperceptíveis se não por um olho técnico ou uma poética artística é questão recorrente também para outros pensadores.

Para Gusmão e Paiva, a possibilidade de desenvolver narrativas ficcionais a partir de outras verídicas, é a materialização de temas e assuntos que permeiam nossa realidade, porém não são percebidos.

A proposição de Benjamin sobre o inconsciente coletivo é assunto para mais debates e leituras contemporâneas, inclusive sob o olhar ampliado de outros autores que atualizam o tema.

Finalizo com a voz da dupla de artistas, apresentando ao final do ensaio uma seqüência de imagens de suas obras.



A nossa pesquisa avança por um dispositivo do gênero do enigma: para que o enigma continue estruturado segundo a interdição implícita da sua essência e, contudo, se possa pensar acerca dessa natureza enigmática, é necessário o nome do enigma. Esse termo fixa a possibilidade inteligível de dar sentido a coisas que, aparentemente, não o têm. (Lagnado, 2006, p. 112).

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. Tradução: Sergio Paulo Rouanet..

CHECA, Natxo. Horizon of events. In. GUSMÃO, João Maria. PAIVA, Pedro. **Abissology**: horizon of events. Coletânea produzida para a exposição de mesmo título. Madri: Matadero Madrid, 2008.

_____. **Para uma ciência transitória do indiscernível: a Abissologia**. Disponível em <<http://www.zedosbois.org/abissologia/p4.htm>>. Acesso em 4 de julho de 2008.

GALERIA FORTES VILAÇA. Disponível em <http://www.fortesvilaca.com.br/artistas_fotos.php?IDArtista=21>. Acesso em 4 de julho de 2008.

GALERIA GRAÇA BRANDÃO. Disponível em <http://www.galeriagracobrandao.com/index.php?menu=obr&artista_id=48>. Acesso em 4 de julho de 2008.

GUSMÃO, João Maria. PAIVA, Pedro. **Eflúvio magnético**. Disponível em <<http://www.efluviomagnetico.com/index.php>>. Acesso em 4 de julho de 2008.

_____. et al. **Abissology**: horizon of events. Coletânea produzida para a exposição de mesmo título. Madri: Matadero Madrid, 2008.

LAGNADO, Lisette. PEDROSA, Adriano (editores). **27ª Bienal de São Paulo**: Como Viver Junto: Guia. São Paulo: Fundação Bienal, 2006.

SILVEIRA, Fabrício. Uma cidade em quadro clínico. Aproximações teórico-metodológicas em torno da noção de inconsciente ótico. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos. VIII(1). Janeiro/abril 2006. P. 62-73.



Coluna de Colombo
Fotografia a cores, 125 x 125 cm
2006



Modelo Ocular
Instalação, mesa de madeira, lente, projetor de luz
e ovo de avestruz
Dimensão variável



O Oculito
Fotografia a cores, 125 x 125



O Encapuçado
Fotografia a cores, 95 x 135 cm
2004



Anomalia Marítima
Fotografia a cores, 180 x 220 cm, Serra da Estrela
2006



O Pião
Instalação, edição de 3